



SINGULARIDADES DA MATERNIDADE DE CRIANÇAS AUTISTAS

Giulia Cruvinel Posse ¹
Me. Dyullia Moreira de Sousa ²

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar os desafios enfrentados por mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como os impactos do diagnóstico nas áreas sociais, emocionais e psicológicas oriundos da maternidade atípica, e ainda ferramentas que possam auxiliar numa vivência mais saudável e adaptativa dessa maternidade. Isso se faz necessário pois a qualidade dos cuidados depende das condições do cuidador, assim olhar para a sobrecarga materna constitui parte primordial do tratamento às crianças autistas. Considerando que crianças diagnosticadas com TEA necessitam de terapias diárias e auxílio nas suas atividades cotidianas, elas precisam de um responsável disponível a maior parte do tempo. Conforme apontado nos estudos, as mães são as pessoas que mais se dedicam aos cuidados dos filhos, abdicando geralmente de si próprias (seus sonhos, estudos, carreiras e outros) em detrimento dos cuidados com os infantes. Por não possuírem, na maioria das vezes, pessoas com quem dividir essas responsabilidades, se torna comum encontrar mães sobrecarregadas. Como resultado, tem-se que a sobrecarga materna pode culminar em adoecimento físico e psicológico, bem como afetar a vida social dessa mãe. A perda da identidade, autoestima e o abandono de si própria são comumente encontrados dentre as mães atípicas. Contudo, essas mães podem ser beneficiadas com a criação de políticas públicas e espaços terapêuticos voltados ao seu acolhimento, ou ainda pela oferta de redes de apoio (as quais podem ser familiares, institucionais ou sociais). A Psicologia também pode auxiliá-las, uma vez que durante o processo psicoterápico as mães podem resgatar sua identidade, autoestima e aprimorar ou iniciar seu autoconhecimento.

Palavras-chave: Sobrecarga materna, Transtorno do Espectro Autista, Rede de apoio.

INTRODUÇÃO

A maternidade pode constituir um momento transformador na vida das mulheres, podendo ser de alegrias ou tristezas, dúvidas e frustrações. Em ambos os casos diversas transformações ocorrem, afetando o psicológico e o físico, e exigindo que essa nova mãe se adapte a mudanças rápidas e, às vezes, bruscas em seus hábitos e rotinas. Mesmo dispondo de parceiros e familiares que possam lhe ajudar, é muito

comum que as mulheres/mães sejam vistas como principais responsáveis pelos cuidados do (a) filho (a).

Diante do exposto é notório que a mãe reorganiza sua vida acerca do filho e suas necessidades, restando pouco tempo para si própria. Na existência de algum suporte (familiar, conjugal ou social) pode se tornar possível a destinação de algum tempo para *hobbies* e autocuidado da supracitada, posto que uma rede de apoio social constitui um recurso valioso para

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da UNIPORÁ, psigiuliacp@gmail.com;

² Orientadora e professora do Curso de Psicologia da UNIPORÁ, psi.dyullia@gmail.com;



essa mãe e impacta diretamente em sua autoestima, identidade e competência, e são essenciais para o enfrentamento de momentos difíceis.

Ao considerar que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste num transtorno do neurodesenvolvimento no qual existem déficits persistentes na comunicação e interação social, entende-se que ele afeta a comunicação, socialização e comportamento do indivíduo, dificultando sua autonomia, independência e relações sociais. A partir disso, compreende-se que crianças diagnosticadas com TEA precisarão de um cuidado e dedicação maior de suas mães ou responsáveis, pois precisarão de ajuda nas suas atividades de vida diária e no processo de busca pelo diagnóstico ou, após ele, nas intervenções frequentes necessárias.

A partir de tais informações é preciso analisar os possíveis impactos do diagnóstico nas famílias, visto que exige readaptação, paciência e cuidados específicos com o indivíduo diagnosticado. Dentre os familiares mais afetados encontra-se a mãe da criança autista, as quais frequentemente redimensionam suas vidas e rotinas acerca dos encargos oriundos dos cuidados com a criança diagnosticada, podendo haver empobrecimento de sua vida social, afetiva e profissional. Ou seja, comumente abrem mão de tudo em prol dos cuidados maternos.

Tendo em vista as informações expostas acima, parece adequado a criação de estratégias de intervenção, com o objetivo de propiciar a essas cuidadoras um ambiente onde tenham voz, bem como alguém para ouvi-las, onde possam compartilhar suas experiências almejando a

minimização de suas angústias, frustrações e incertezas e o desenvolvimento de formas mais saudáveis e adaptativas de enfrentamento das suas dificuldades. O presente trabalho possui então, como objetivos, a análise dos principais desafios enfrentados pelas mães de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista e como elas podem vivenciar essa maternidade de forma mais saudável e adaptativa.

METODOLOGIA

O presente estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa de natureza básica e abordagem qualitativa, a qual pode ser definida como um método de análise de dados que valoriza aspectos subjetivos e as relações entre os significados. Quanto ao seu objetivo, pode ser classificada como exploratória. Conforme afirma Gil (2002, p.41) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Escolheu-se esse objetivo, considerando que o intuito da pesquisa é disseminar informações sobre os desafios enfrentados pelas mães de crianças autistas, aproximando essa realidade da sociedade e almejando dar maior visibilidade a essa luta.

O procedimento técnico adotado foi o bibliográfico integrativo. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Koche (2011), se desenvolve na tentativa de explicar um problema a partir do conhecimento disponível e teorias já publicadas, ou seja, é um estudo oriundo de material já elaborado. Tal metodologia foi escolhida pois permite a união e sistematização dos principais



achados científicos acerca dos desafios e possibilidades enfrentados por mães de crianças autistas.

Dessa forma, a escolha dessa metodologia pode ser justificada pela relevância em entender, através da literatura científica, os impactos da maternidade de crianças diagnosticadas com TEA e as formas de enfrentamento que vêm sendo discutidas. O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PePSIC, por meio dos descritores: “maternidade and atípica” e “maternidade and autismo”.

Inicialmente, foram identificados 11 artigos, dos quais apenas 8 publicações foram selecionadas para a composição dos resultados deste trabalho, considerando como critério de inclusão artigos publicados nos últimos 10 anos, disponíveis em português, com texto completo, e que abordassem especificamente a experiência materna diante do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Assim, a metodologia adotada permitiu a elaboração de resultados consistentes, capazes de atuar como base de reflexões acerca dos desafios vividos pelas mães de crianças autistas e ainda direcionar possíveis caminhos para pesquisas futuras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar os desafios enfrentados pelas mães de crianças autistas, analisou-se o papel social das mulheres na maternidade, as características da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e possibilidades de vivência saudável e adaptativa da maternidade atípica. Considerando a vivência em uma sociedade machista e patriarcal, socialmente o papel

de cuidar e educar os filhos recai sobre as mulheres, como obrigação única e exclusiva destas. Porém é relevante destacar que a maternidade é cerceada por tensões em decorrência das expectativas acerca das mudanças que estão ocorrendo e das que ainda virão, somando-se à imposição do papel social de mãe. Segundo Luna *et al.* (2023, p.7):

No entanto, é sabido que diante da historicidade do patriarcado difundiu-se um ideal de mãe que “de tudo, ela dá conta”, atribuindo-se estereótipos femininos e maternos de “super mãe/mulher”, “mãe/mulher forte que tudo suporta”, “mãe/mulher guerreira”. Destarte, percebe-se no âmago desses discursos que toda demanda requerida por uma criança deva ser atribuída às mães, as quais, disponibilizam grande parte do seu tempo para a rotina de cuidados com os filhos [...]

Em decorrência de tais ideais, se faz comum que as mulheres abandonem carreiras, estudos e suas atividades em detrimento da maternidade, culminando no aumento da sobrecarga materna, considerando a dedicação exclusiva ao maternar. O excesso de responsabilidades pode acarretar em prejuízos para a saúde física e emocional do indivíduo, por isso as responsabilidades da maternidade não devem repousar apenas sobre as mulheres considerando as inúmeras demandas e exigências da criação da prole.

Tratando das mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) - que podem também serem denominadas de crianças atípicas, suas responsabilidades serão um pouco mais abrangentes, considerando as necessidades dessa criança de tempo e cuidados cotidianos. A mãe,



nesse cenário, pode vivenciar medos, angústias, dúvidas e incertezas, e na maioria das vezes negligencia seus próprios sentimentos em detrimento dos cuidados e necessidades do filho. De acordo com Bulhões *et al.* (2023, p.05):

A maternidade representa um desafio, e é comum que mães de filhos com TEA se sintam culpadas, fragilizadas e tristes, visto que nunca foram ensinadas ao cuidado de um filho neuro atípico, despertando nelas um sofrimento psicológico. A percepção do diagnóstico e dos primeiros sinais, provocam nelas preocupações e aflição mental, fazendo com que haja uma modificação de rotina e, consequentemente, uma total adaptação e aprendizado, principalmente no que se refere a comunicação e na relação mãe-filho.

Essa mãe se preocupa tanto com o bem-estar da criança que esquece de si própria, abandonando-se a si mesma. Vários fatores podem propiciar isso, como por exemplo falta de tempo, cansaço excessivo, perda da autoestima, isolamento social, falta de apoio, dentre outros. Com toda a atenção voltada para a criança, as mães atípicas encontram-se mais vulneráveis e propensas a um sofrimento maior, com um menor bem-estar psicológico, mais ansiedade e sintomas depressivos.

Ao se referir a uma mãe, independente se típica ou atípica, vale a atenção ao usar termos como “super heroína”, “guerreira”, “supermãe” ou outras nomenclaturas do tipo, pois esses termos podem contribuir para a sobrecarga delas e reforçar a ideia de que elas precisam dar conta de tudo ou que não têm o direito de

sofrer, fracassar ou pedir ajuda. Tais repertórios podem ainda contribuir para a romantização da luta dessas mães (COLOMÉ *et al.*, 2024).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que pode ser caracterizado por déficits no desenvolvimento acadêmico ou profissional, com início precoce - geralmente antes do ingresso da criança na escola (DSM-5-TR, 2023). Atualmente o número de diagnósticos têm aumentado, após a descoberta da importância do diagnóstico e intervenções precoces. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2023, p.60):

As características essenciais do Transtorno do Espectro Autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente pode variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente.

Visto que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) compromete áreas importantes do desenvolvimento humano, como a comunicação, socialização e o comportamento, é válido analisar que o indivíduo diagnosticado poderá necessitar de uma maior atenção, cuidado e ajuda nas suas atividades de vida diária. Dessa forma, o diagnóstico impactará também na família, forçando uma reorganização e readaptação



diante do familiar diagnosticado. O diagnóstico de TEA abrange todos os membros da família, se comportando como fator estressor para esta, a qual volta todo seu cotidiano para o membro com o transtorno, atingindo diretamente a rotina, horários e atividades diárias de todos os envolvidos (COLOMÉ *et al.*, 2024).

Serão então necessárias estimulações e intervenções frequentes, necessitando de uma densa carga horária com uma equipe multiprofissional, a qual pode contar com vários profissionais como neuropediatras, psicólogas, fonoaudiólogas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas e os demais profissionais pertinentes ao caso. Como se trata de um ser que necessita de cuidados e vigilâncias, será necessário sempre ter um adulto ou responsável lhe auxiliando e acompanhando.

Há a possibilidade de reestruturação da família diante da chegada da criança atípica pela coerência e união acerca dessa luta, trazendo uma nova perspectiva para os familiares e deixando clara a importância de todos nessa luta. Quando a mãe pode contar com uma rede de apoio para lhe auxiliar nessa jornada da maternidade atípica, ela consegue ter um olhar mais animador sobre tudo isso e até mesmo ganhar novo fôlego para as batalhas diárias que precisa enfrentar. Conforme o exposto por Andrade e Teodoro (2012 apud CONSTANTINIDIS; SILVA; RIBEIRO, 2018, p.7) “as redes de suporte são elementos fundamentais para a diminuição da sobrecarga das mães e também pontos importantes para realização de atividades sociais, devido à dependência da criança com autismo”.

As mães de crianças atípicas podem ser auxiliadas através do desenvolvimento de intervenções que lhes proporcionem um espaço de escuta e que possam compartilhar suas vivências, dores, sofrimentos e lutos, visando diminuir suas angústias e incertezas. Dessa forma, elas podem se sentir acolhidas, ouvidas, respeitadas e ganharem forças e fôlego a mais para continuar nas suas atividades e desafios diários, além de resgatar sua identidade pessoal e feminina, se enxergando, se ouvindo e respeitando, voltando a cuidar também de si própria.

A criação de políticas públicas não pode ser deixada de lado, uma vez que é também de interesse das esferas municipais, estaduais e federais o desenvolvimento de leis e projetos que respaldam as mães de crianças atípicas, garantindo a elas condições de lidar com as demandas exigidas pelo filho. Como exemplo pode ser citado a criação de grupos de apoio nos postos de saúde, bem como o oferecimento de atendimentos com profissionais das mais diversas áreas que podem somar na qualidade de vida das mães, como psicólogos, psiquiatras, dentistas, nutricionistas, clínicos gerais, esteticistas e outros (LUNA *et al.*, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos artigos analisados, pode-se destacar como principais desafios enfrentados por mães de crianças autistas a sobrecarga (física, emocional e social), os impactos subjetivos e simbólicos do diagnóstico, as questões de gênero e patriarcalismo, falta de rede de apoio e suporte social, adoecimento psicológico e emocional, bem como a necessidade de



estratégias de enfrentamento e autocuidado e suas implicações para a Psicologia e políticas públicas.

A criança diagnosticada com TEA precisa de estimulação constante, o que resulta numa rotina diária demasiadamente ativa. Para isso ela precisará de um responsável para levá-la às terapias e gerenciar sua agenda, bem como auxiliar nos manejos comportamentais. Na maioria das vezes, conforme os artigos, a mãe que se responsabiliza pelos cuidados à criança com TEA. Segundo Faro *et al.* (2019, p.2) “dentre os familiares cujo impacto e as demandas de cuidado são reportadas na literatura com maior frequência e intensidade, mães de crianças com autismo são amplamente identificadas como quem mais sofre física e mentalmente diante do cuidado intensivo”.

Visto que as terapias, na maioria dos casos, são diárias, a mãe tem seu tempo monopolizado pelo infante, abandonando assim sua vida social e podendo alcançar sobrecarga física, mental e social - conforme apontado inicialmente como um dos principais desafios enfrentados por mães de crianças autistas. Bulhões *et al.* (2023, p.2) afirma que:

A família da pessoa com TEA sente uma intensa e cansativa rotina, que interfere na sua saúde psicológica e física e, consequentemente, em sua qualidade de vida, trazendo resultados de estresse intenso, decorrente da prestação de cuidados a longo prazo, além de diminuição de práticas de lazer e participação social.

Observando os impactos subjetivos e simbólicos do diagnóstico percebe-se que o caminho até sua conclusão pode ser cercado de dúvidas e preocupações. Após sua

conclusão, a família passa por um luto pelo filho idealizado e precisam se adaptar à realidade. Durante o processo de aceitação e adaptação à maternidade atípica são comuns sentimentos de culpa, negação e sofrimento psíquico. Nessa parte o apoio psicológico contínuo é de suma importância, porém são poucas àquelas que têm acesso a esse serviço pela priorização do cuidado com a criança atípica e abandono de seu autocuidado.

Analisando as questões de gênero e o patriarcalismo, evidencia-se que a maternidade é atravessada por papéis de gênero impostos pela sociedade, os quais reforçam a percepção de que cuidar é uma tarefa feminina. Assim se torna comum a ausência paterna nesse quesito, colaborando para a sobrecarga materna e ainda para a romantização da mesma, invisibilizando o sofrimento dessas mulheres e colaborando para o impedimento da percepção de suas vulnerabilidades. Fabris-Zavaglia *et al.* (2022, p.2) afirma que “poderíamos compreender tal invisibilização na medida em que, do ponto de vista imaginativo, a mãe nunca se cansaria. Ou seja, podemos considerar que sofrimentos emocionais maternos podem ser entendidos como socialmente determinados”.

Características como estresse intenso, ansiedade, e depressão - oriundos da sobrecarga e falta de reconhecimento, são comuns nos relatos de mães de crianças autistas. Com a ausência de tempo e a falta do autocuidado esse sofrimento se potencializa, reforçando a necessidade de olhar para a saúde mental dessas mulheres. Tais dados corroboram para o achado do adoecimento psicológico e emocional como desafio enfrentado por mães de crianças autistas. O isolamento



social é frequente nas famílias com crianças autistas, considerando que a sociedade atual não possui preparo e conhecimento suficiente para lidar com elas, oferecendo preconceito, exclusão e desrespeito. Constantinidis *et al.* (2018, p.8) relata que “essas crianças deixam de ser convidadas para eventos, por exemplo, e são excluídas das relações sociais”.

A falta de rede de apoio também é um dos desafios enfrentados pelas mães de crianças autistas, uma vez que essa rede consiste numa ferramenta valiosa para a diminuição da sobrecarga materna e da invisibilização do sofrimento dessas mães. Tendo um rede de apoio a mãe pode conseguir um tempo para olhar para si própria e observar suas necessidades e vontades, colaborando para um enfrentamento mais saudável e adaptativo desse maternar, bem como podendo ofertar melhores condições psicossociais para a criança autista, influenciando positivamente seu desenvolvimento.

A necessidade de estratégias de enfrentamento e autocuidado, bem como suas implicações para a Psicologia e as políticas públicas consistem em desafios encarados pelas mães de crianças autistas. As próprias reconhecem a necessidade de estratégias terapêuticas voltadas para si próprias, como grupos de escuta, apoio psicológico e atividades físicas e de relaxamento. Lembrando que para cuidar do outro é preciso, primeiramente, cuidar de si mesma, é de suma importância que o bem-estar materno seja promovido, almejando uma melhor qualidade de cuidado à criança (LUNA *et al.*, 2023).

Outras práticas que podem auxiliar no enfrentamento saudável e adaptativo da maternidade de crianças autistas são os

grupos terapêuticos, rodas de conversas e redes solidárias. A criação de políticas públicas que acolham as mães de crianças autistas também é de suma importância, Luna *et al.* (2023, p.8) afirma que:

Outro ponto que vale ressaltar é a criação de políticas públicas que promovam o autocuidado às mães atípicas, de forma a orientar e a sensibilizar os serviços terapêuticos voltados às crianças com TEA a instituírem práticas de atividades físicas ou de relaxamento como ioga, música, assistência psicológica, grupos de convivência e troca de experiências, como citado pelas entrevistadas.

A Psicologia pode trabalhar na promoção da saúde emocional das mães de crianças autistas e na formação de redes de apoio psicossocial, e ainda na capacitação de profissionais da saúde para um melhor e mais humanizado acolhimento das mães nos diversos contextos. Pode-se considerar a Psicologia como fundamental para uma melhor adaptação das mães de crianças autistas à sua maternidade, visto que esta ciência lida com a singularidade de cada um, almejando o alcance do seu autoconhecimento. Com isso ela pode auxiliar no resgate da identidade dessas mães, podendo trazer autoestima e bem-estar psicológico e emocional. Podem ainda, durante o processo terapêutico, serem trabalhadas questões como dificuldade em pedir ajuda, crenças de que precisa dar conta de tudo e inúmeros outros pensamentos automáticos que colaboram para a sobrecarga materna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente trabalho buscou verificar quais os principais desafios enfrentados por mães de crianças autistas, bem como identificar possibilidades de vivência mais saudável e adaptativa dessa maternidade. Esse olhar se torna relevante pois a maioria das mães de crianças autistas encontram-se sobrecarregadas, por não terem nenhum tipo de apoio nas atividades diárias, precisando se desdobrar para cuidar da casa e da criança. A hipótese de que as mães de crianças autistas enfrentam desafios foi confirmada, visto que a maioria encontra-se sobrecarregada por precisarem lidar sozinhas com as responsabilidades concernentes à criança.

Essa mãe abdica de si própria, sua carreira, sonhos, *hobbies* e necessidades, para se dedicar integralmente à criança autista, a qual necessita de terapias diárias e manejos comportamentais frequentes. Dessa forma, sugere-se a criação de políticas públicas que ofereçam apoio a essas mães, podendo ser psicológico, financeiro ou social. Sugere-se a criação de espaços de acolhimento às mães de crianças autistas, onde possam ter momentos de fazerem atividades que gostem. Foi notório o papel que a Psicologia pode atuar com essas mães, além do atendimento às crianças autistas.

Como as condições do cuidador influenciam na qualidade do cuidado, as mães precisam estar bem consigo mesmas para poderem cuidar das crianças, considerando que somente as intervenções terapêuticas não são suficientes. Tanto a psicoterapia individual como as atividades grupais podem ter impacto positivo significativo na vida dessas mães, colaborando para a vivência de uma maternidade mais saudável e adaptativa.

Assim, sugere-se a criação de novas pesquisas que versem sobre as dificuldades enfrentadas pelas mães de crianças autistas, diante da dificuldade em encontrar artigos que abordam o tema.

REFERÊNCIAS

BULHÕES, Thaynara Maria Pontes; BITTENCOURT, Ivanise Gomes de Souza; SOUZA, Elizabeth Moura Soares de; CAVALCANTI, Clarice Maria Tavares Macedo; PORTO, Maria Eduarda Alves. **A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista**. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental. 2023;15:e12213. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213>.

COLOMÉ, Carolina Schmitt; DANTAS, Cândida Prates; IZOLAN, Luana da Costa; ZAPPE, Jana Gonçalves. **Redes sociais significativas maternas: significados e movimentos diante do autismo**. Psicologia: Ciência e Profissão, 2024, v. 44, 44, e 261546, 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003261546>.

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. **“Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo**. Psico-USF, v. 23, n. 1, p. 47-58, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230105>.

FABRIS-ZAVAGLIA, Marina Miranda; VISINTIN, Carlos Del Negro; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. **Maternagem de filhos com dificuldades graves de desenvolvimento**. Psico, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-12, 2022.



<http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.37103>.

FARO, Kátia Carvalho Amaral; SANTOS, Rosita Barral; BOSA, Cleonice Alves; WAGNER, Adriana; SILVA, Simone Souza da Costa. **Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar**. Psico, Porto Alegre, 2019, 50(2), e30080-e30080. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30080>.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica : teoria da ciência e iniciação à pesquisa** / José Carlos Köche. Petrópolis, RJ : Vozes, 2011.

LUNA, Aislany Warlla Nunes; MELO, Mônica Cecília Pimentel de; SANTOS, Ana Dulce Batista dos; CALADO, Jacqueline Iukisa Faustino; SANTOS, Maria Vivianne Pereira dos. **Percepções de mães de crianças com autismo sobre rede apoiadora e estratégias de cuidado consigo**. Rev. enferm. UFPI., 2023. Citado em: 26, ago. 2025; 12:e4284. doi: 10.26694/reufpi.v12i1.4284.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR/[American Psychiatric Association]; tradução: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório, José Diogo Ribeiro de Souza. - 5. ed., texto revisado. - Porto Alegre: Artmed, 2023.